

ANÁLISE DE TURNOS EM ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS

Gabriela Cesar Nunes Santos

Licencianda em Letras, Grupo de Estudos Linguísticos ELIN, IFSP, Cubatão, SP, Brasil.

Fernanda Alzira Pereira Hora

Licencianda em Letras, Grupo de Estudos Linguísticos ELIN, IFSP, Cubatão, SP, Brasil.

Gisele da Silva Pereira

Licencianda em Letras, Grupo de Estudos Linguísticos ELIN, IFSP, Cubatão, SP, Brasil.

Artarxerxes Tiago Tácito Modesto

Doutor em Letras, Grupo de Estudos Linguísticos ELIN, IFSP, Cubatão, SP, Brasil.

Resumo: A partir da perspectiva de Galembeck (1999), este estudo busca analisar a dinâmica dos turnos presentes em inquéritos coletados em algumas cidades da Baixada Santista, São Paulo. Analisaremos, então, suas características quanto à simetria/assimetria, tipos de turnos presentes, e a distribuição desses turnos durante a interação. Para a elaboração deste estudo, utilizamo-nos dos princípios metodológicos da Sociolinguística Interacional (Ribeiro; Garcez, 1998) e Análise da Conversação (Marcuschi, 1986), uma vez que essas áreas da linguística compreendem o estudo da língua falada em interações face a face, como é o caso das entrevistas analisadas. Partimos da coleta de entrevistas sociolinguísticas, uma vez que este método permite a interação entre pesquisador e informante. Os inquéritos se classificam dentro do enquadre da entrevista, isto é, o entrevistador conduz os tópicos conversacionais, encaminhando a conversa por meio de perguntas. Os resultados apontam para a maior ocorrência de determinadas passagens de turnos: é perceptível que a requerida é bem recorrente; a consentida está implícita no diálogo de forma a tornar o seu reconhecimento mais dificultoso, porém, não deixa de aparecer nas interações estudadas. O assalto ao turno é o que aparece com menor frequência nas entrevistas, em virtude de as perguntas e os assuntos serem pré-determinados e controlados pelo entrevistador, que almeja restringir sua fala ao máximo e, em contrapartida, estimular a fala do entrevistado.

Palavras-chave: turno conversacional, sociolinguística interacional, entrevistas sociolinguísticas.

Abstract: From the perspective of Galembeck (1999), this study seeks to analyze the dynamics of the shifts present in surveys collected in some cities in Baixada Santista, São Paulo. We will then analyze its characteristics regarding symmetry / asymmetry, types of shifts present, and the distribution of these shifts during the interaction. To prepare this study, we used the methodological principles of Interactional Sociolinguistics (Ribeiro; Garcez, 1998) and Conversation Analysis (Marcuschi, 1986), since these areas of linguistics comprise the study of the language spoken in face-to-face interactions, as is the case with the analyzed interviews. We start from the collection of sociolinguistic interviews, since this method allows the interaction between researcher and informant. The surveys are classified within the framework of the interview, that is, the interviewer conducts conversational topics, directing the conversation through questions. The results point to the greater occurrence of certain shift changes: it is noticeable that the requested one is quite recurrent; consent is implicit in the dialogue in order to make its recognition more difficult, however, it does not cease to appear in the interactions studied. The assault on the shift is what appears less frequently in the interviews, because the questions and subjects are pre-determined and controlled by the interviewer, who aims to restrict his speech to the maximum and, in return, stimulate the interviewee's speech.

Keywords: conversational shift, interactional sociolinguistics, sociolinguistic interviews.

1. INTRODUÇÃO

Dentre as características da comunicação em contexto conversacional, está o turno, que se refere às vezes de fala de cada um dos interlocutores na interação, suas oportunidades de assumir o discurso e contribuir com a dinâmica conversacional. Neste contexto, o presente estudo realizou um mapeamento nas

idades de Bertioga, Cubatão e Praia Grande, por meio de entrevistas sociolinguísticas e, após a coleta, analisou sua estrutura a partir da perspectiva da análise de turnos conversacionais.

A partir da perspectiva de Galembeck (1999), este estudo busca analisar a dinâmica dos turnos presentes nos inquéritos selecionados. As análises visam explorar as características do turno conversacional quanto à simetria/assimetria, tipos de turnos presentes, e a distribuição desses turnos durante a interação.

Dentre as características da comunicação face a face, isto é, da língua utilizada em contexto conversacional, está o turno, que se refere às vezes de fala de cada um dos interlocutores durante a interação. Isto é, suas oportunidades de assumir o discurso e contribuir com a dinâmica conversacional.

Neste contexto, inserem-se as entrevistas sociolinguísticas. Estas são características da coleta de dados no campo da sociolinguística e servem de material para as análises da área. Assim como as entrevistas no geral, ela possui um roteiro, mas sua especificidade está no fato de que esse roteiro pode sofrer alterações durante a interação, uma vez que esse tipo de entrevista tem por objetivo fazer com que o falante produza uma fala o mais próximo possível da espontaneidade.

Os turnos conversacionais, por sua vez, podem ser simétricos ou assimétricos, a depender do grau de formalidade e de distribuição de turnos durante a conversa: no caso dos simétricos há uma distribuição igualitária de turnos, enquanto nas interações assimétricas a vez de fala é, majoritariamente, de um dos interlocutores.

A partir da perspectiva de Galembeck (1999), este estudo busca analisar a dinâmica dos turnos presentes em quatro entrevistas coletadas. Analisaremos, então, suas características quanto à simetria/assimetria, tipos de turnos presentes, e a distribuição desses turnos durante a interação.

2. O TURNO CONVERSACIONAL

De acordo com Briz (2000), um turno conversacional é o espaço de fala com emissões informativas, onde os interlocutores dirigem sua atenção manifesta e simultânea. Se trata de um mecanismo de progressão de texto oral,

onde os interlocutores se alternam entre os papéis de falante e ouvinte para trocar informações a respeito de um objetivo comum. Sendo assim, cada período de fala de um dos interlocutores, é considerado o seu turno conversacional, sendo finalizado quando se inicia o turno do outro interlocutor. A administração da distribuição do turno de falas entre interlocutores é denominada “gestão de turno” (Galembeck, 1999).

2.1 A Simetria Na Conversação

Uma conversação simétrica, de acordo com Galembeck (1999, p. 57) é aquela na qual ambos interlocutores contribuem, de maneira efetiva, para o desenvolvimento do tópico conversacional do fragmento. É imprescindível evidenciar que, segundo BROWN e YULE (1983:73), o tópico conversacional (ou apenas tópico) é aquilo acerca do que se está falando na interação. Na situação abaixo, podemos verificar um exemplo de simetria na conversação:

| | |
|----|--|
| L2 | nós entramos ali no :: ... naquele arroz unido venceremos «risos» ... um dia ele sai da colher outro dia não sai ... «risos» é fogo ... (entende?) «risos» (se bem que ainda é:: bom ...) |
| L1 | dizem né? -- você vê -. dentro da profissão do vendedor ... a coisa mais difícil é você manter realmente o indivíduo... oéh Olto horas em contato direto com os clientes...uma coisa:: realmente difícil...então a gente inclusive::ooo pede para que o indivíduo não perca tempo nesses horários certo?...e procure almoçar ...no seu território de trabalho ...por ali mesmo em vez de ter que se deslocar de um território de trabalho para sua ca::asa ... |
| L2 | para a sua residência ... |
| L1 | para voltar:: ... isso acarreta muita perda de tempo...mas a coisa mais difícil dentro da profissão do vendedor você realmente... é conseguir manter oito horas naquele território de trabalho SEM sair de lá....e MAIS uma vez eu...eu vejo a influência do clima e tudo mais... se é um clima chuvoso tal talvez até me ajude...nesse sentido eu posso ficar... e nem ter vontade de de sair de lá para me deslocar para algum outro local porque não dá também... perderia muito tempo... dia de chuva... conforme o o::...o dia realmente prejudica nesse aspecto |
| L2 | eu:: eu lhe perguntaria aí dentro desse problema...você não...possui uma ... um controle ...digamos assim -- em cima de você você deve produzir tanto num dia ...ou... ou existe isso ou digamos um dia de chuva está um dia horrível para trabalhar um dia que você está indisposto você poderia pegar voltar para sua casa entrar num cinema distrair um pouco entende?...que (que você) você poderia fazer isso? |

Fonte: GALEMBECK, Paulo. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.). Análise de textos orais. São Paulo: Humanitas, 1999 - Inq. 062, linhas 227-277

No fragmento apresentado, os interlocutores desenvolvem o tópico conversacional, que é o ofício da profissão de vendedor. De acordo com Galembeck,

há uma situação de simetria entre as falas de ambos os interlocutores, pois cada um deles engaja-se na consecução do objetivo comum e, assim, busca discutir o tópico e expor seu ponto de vista. (1999, p. 57)

2.2 A Assimetria Na Conversação

Neste caso, como dito por Galembeck (1999, p. 57-58), um dos interlocutores se torna secundário, com intervenções episódicas com relação ao tópico conversacional, que é desenvolvido pelo outro interlocutor. É importante expor o conceito de intervenções neste momento, uma vez que as falas dos turnos tanto podem ser consideradas possuindo valor referencial (desenvolvimento do tópico do diálogo entre os interlocutores, ocorrente na conversação simétrica), como também de acompanhamento, indicando que o interlocutor está seguindo as palavras de seu interlocutor (aham, certo, ah, uhum), ocorrente na conversação assimétrica.

No fragmento abaixo, podemos observar um exemplo de conversação assimétrica:

| | |
|----|---|
| L1 | você sempre estudou na mesma escola? É.. no caso não né... |
| L2 | Não... |
| L1 | Teve o Casalunga e a () |
| L2 | É e antes dessa outra escola... a que é a pública... eu estudei ainda em São Bernardo né... |
| L1 | Ah sim... Aham... |
| L2 | A primeira série foi em São Bernardo... a segunda em Mongaguá... |
| L1 | Uhum... I... Você gostava de ir pra essas escolas? |
| L2 | Ah eu sempre gostei de ir pra escola... |
| L1 | Aham |
| L2 | Hã hã eu gostava muito de ir pra escola em São Bernardo... era muito legal lá... a gente tinha atividades muito diferentes... era uma escola muito boa e era... pública né... saudades... |
| L1 | (risos) |
| L2 | Era muito bom... |

| | |
|----|---|
| L1 | Sim... mas que tipo de atividade... |
| L2 | Mas eu gostava... Ah assim envolvia muita música... ah assim tipo... sabe coisas aleá... diferentes? |
| L1 | Aham... |
| L2 | Aí eu senti muito quando eu vim... nossa senti muito... sofri muito menina do céu... nossa... brincadeira... |
| L1 | (risos) |
| L2 | Quando eu vim pra... pra Mongaguá... Aí era já mais tipo... letrinha... colá coisa da revista... escrever e tal não era tão dinâmico... |
| L1 | Aham... |
| L2 | Mas no Casalunga já era mais legal... tinha bastante aula de música... era bem interessante... |
| L1 | Tendi... |
| L2 | Associadas tipo...as coisas... eu gostava... |

Fonte: Material coletado pelos autores.

Podemos verificar a assimetria de forma ainda mais acentuada principalmente nos últimos turnos, onde L1 basicamente passa a confirmar o que é dito por L2, enquanto este continua seguindo o tópico, que neste caso, é referente às escolas onde L2 estudou e as atividades ocorrentes nestas instituições. Por se tratar de um assunto pessoal, não é nem existente a possibilidade de L1 interferir tanto, logo, o mesmo apenas realiza um acompanhamento do que está sendo dito.

3. AS ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS

A entrevista sociolinguística é um gênero oral utilizado para construção de corpus de estudos sociolinguísticos, e é constituída, basicamente, por uma sequência de turnos compostos pelo par dialógico pergunta-resposta. As entrevistas sociolinguísticas são entrevistas diferentes, por exemplo, das televisivas. Aquelas têm por objetivo desvincular-se da ideia de mecanicidade presente no gênero, bem como captar uma fala menos monitorada. Nela estão presentes o informante e um entrevistador, sendo que este tem o papel de estimular o informante a discorrer sobre os tópicos selecionados dentro de um roteiro pré-estabelecido.

Para Silva (2017, p. 125), a entrevista é o método mais vantajoso para a pesquisa da maioria dos fenômenos linguísticos. Dado que o objetivo da

entrevista é a coleta da fala espontânea do entrevistado, a entrevista se constitui de uma conversa entre o pesquisador e o informante.

O corpus da presente análise é, então, formado por dados gerados em entrevistas sociolinguísticas, através da gravação em áudio. Além disso, para a elaboração das entrevistas, seguimos um roteiro previamente estabelecido, contendo questões a respeito da infância, bairro, cidade, vida profissional, e percepção linguística.

As entrevistas sociolinguísticas buscam observar a fala o mais espontânea possível, de modo a diminuir o chamado paradoxo do entrevistador observador, que vem a ser um “embate” entre o objetivo de captar a fala vernacular do informante versus a presença de elementos como o gravador de voz e o próprio entrevistador, que influenciam diretamente no tipo de linguagem a ser usada pelo entrevistado.

Para que este paradoxo seja menos influente na gravação das entrevistas, busca-se a elaboração de um roteiro que prenda a atenção do informante de modo que ele se envolva na conversa e se esqueça dos elementos “estranhos”. No entanto, no que diz respeito ao enquadre da entrevista, entendemos que há a hipótese de que o falante não se desvincula totalmente dessa situação, como apontam algumas análises feitas a partir do presente estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os inquéritos se classificam dentro do enquadre da entrevista, isto é, o entrevistador conduz os tópicos conversacionais, encaminhando a conversa por meio de perguntas. O entrevistador tem um roteiro mais ou menos definido de assuntos a seguir, podendo se distanciar ou não dele de acordo com o rumo que a conversa toma, visto que o informante não tem o mesmo conhecimento prévio.

As conversas captadas nos quatro inquéritos aproximam-se da noção de conversação prototípica, isto é, a conversa “padrão”. Esta modalidade diz respeito a uma distribuição sistemática de turnos regida por pares como pergunta-resposta, asserções-réplicas etc.

De maneira geral, existe uma simetria na distribuição dos turnos analisados. No entanto, os turnos de cada um dos interlocutores têm diferentes funções. De um lado estão os turnos do entrevistador: pequenos e objetivos, geralmente perguntas com intenção de sugerir tópicos conversacionais. De outro lado, os turnos dos informantes: geralmente maiores, são turnos nucleares que contribuem para o desenvolvimento da conversação, além de mais complexos do ponto de vista discursivo, podendo conter relatos, expressão de opiniões pessoais, observações etc.

4.1 Estrutura de turnos das entrevistas sociolinguísticas

Assim como citado anteriormente, a entrevista sociolinguística é caracterizada pela tentativa de captar a fala espontânea do informante. Desse modo, espera-se que este seja um registro mais próximo da informalidade e da conversação, apesar de haver, nesta ideia, um paradoxo já mencionado.

Neste estudo, buscamos compreender se existe de fato, na entrevista sociolinguística, uma proximidade das conversas cotidianas quanto a sua relação com a distribuição dos turnos. É uma reflexão cabível, também, a questão da simetria dentro desta modalidade de registro, isto é, se nas entrevistas sociolinguísticas ocorre uma interação simétrica ou assimétrica do ponto de vista dos turnos.

No caso das relações simétricas, há uma colaboração mútua dos interlocutores a respeito do tópico conversacional em desenvolvimento, isto é, ambos desenvolvem turnos nucleares durante a interação. Por outro lado, nas relações assimétricas do ponto de vista da distribuição de turnos, apenas um dos interlocutores contribui verdadeiramente para o tópico conversacional, isto é, um dos falantes possui mais turnos nucleares do que o outro.

As entrevistas sociolinguísticas possuem, em sua estrutura, pares dialógicos que contribuirão para o fluxo dos tópicos conversacionais. O principal par que atua na manutenção da entrevista sociolinguística consiste na dupla pergunta-resposta, nas situações em que o entrevistador fará perguntas que sugerirão um tópico a ser seguido, e o entrevistado explorará aquele tema.

Pudemos observar, durante as análises, que os inquiridos selecionados apresentam momentos excepcionais em que o informante “toma as rédeas” do fluxo conversacional e sugere um tópico para o desenvolvimento da conversação, haja vista que após certo tempo de entrevista, dependendo do grau de desinibição do informante, este se habitua ou se esquece que está sendo gravado e passa a dialogar com o entrevistador como se estivesse em uma conversa habitual.

As entrevistas, de modo geral, possuem uma estrutura estanque, que sugere que apenas o entrevistador proponha os tópicos a serem discutidos, e que o informante aja apenas passivamente, entretanto, há casos como o supracitado em que o entrevistado assume o lugar de domínio na conversa, deixando de ser o sujeito respondente apenas, passando a fazer perguntas também, o que se deve ao fato de o diálogo fluir de uma maneira que foge da estrutura pré-determinada e começa a adentrar em outros assuntos e temáticas, podendo ser inseridas por qualquer um dos participantes da conversa.

4.2 Tipos de turnos

Dentre os diferentes tipos de turnos possíveis, utilizaremos para análise a classificação de Galembeck (1999) que faz distinção entre turnos nucleares e inseridos.

O turno nuclear, segundo o autor, é aquele que “que possui valor referencial nítido, ou seja, que veicula informações” (1999, p. 61), isto é, é no turno nuclear que o tópico conversacional será efetivamente desenvolvido.

Por outro lado, o turno inserido não desenvolve o tópico conversacional. Isso porque, segundo Galembeck (1999 p. 61), “a função principal dos turnos dessa modalidade não é a transmissão de conteúdos informativos, mas a indicação de que um dos interlocutores monitora as palavras do seu parceiro conversacional”.

Para Galembeck (1999, p. 63) tanto o turno nuclear quanto o inserido, apesar de sua nítida distinção, têm função dentro da conversação. O autor afirma que:

ambos exercem um papel significativo na organização dos textos e sequências conversacionais, independentemente do seu valor referencial. No caso das perguntas não há valor referencial em si, uma vez que somente (ditam), direcionam o informante a seguir determinados caminhos. (1999, p. 63)

A seguir, podemos visualizar, em um dos inquéritos avaliados, um exemplo dos dois turnos supracitados. Nesta situação podemos observar um turno nuclear seguido de um inserido:

| | |
|----------------|---|
| Turno nuclear | I: Não que eu saiba... se acontece eu não fico sabendo então é..quase num tem né.. pode ser missa...pode acontecê missa... eu já vi missa acontecendo mas algo GRANDE assim nunca vi. |
| Turno inserido | E: Entendi... |

Uma das características do turno inserido que mais contribui para a entrevista sociolinguística é o seu caráter de continuidade para com o discurso. Modesto (2016, p.73) corroborando com os estudos de Galembeck (1999), afirma que:

Quando um turno inserido contribui acidentalmente para o desenvolvimento do tópico, em geral, apresenta um resumo das palavras de seu interlocutor, mostrando ao mesmo tempo, que está acompanhando o assunto e dando pistas para a continuidade do tópico. (MODESTO, 2016, p. 73)

A produção do turno inserido com função interacional, ao mesmo tempo que é um processo natural da conversação, também pode ser vista como uma estratégia conversacional dentro da entrevista sociolinguística uma vez que, para sugerir novos tópicos ou dar continuidade aos anteriores, o entrevistador utiliza-se de regressões e paráfrases (“resumo das palavras de seu interlocutor”, como mencionado), como a seguir:

| | |
|--|--|
| Turno inserido com função interacional | E: E:::...aquilo que você tinha falado também...que antigamente tinha essa questão de cuidar da casa né? As mulheres cuidavam da casa...hoje em dia isso acontece ainda? |
|--|--|

4.3 A passagem dos turnos

Segundo Galembeck (1999, p. 72), durante toda a interação os papéis de falante e ouvinte se alternam, sendo esta uma condição básica para que ocorra o que chamamos de conversação. Esta gestão de papéis pode acontecer através da passagem de turno (requerida ou consentida) ou do assalto ao turno.

4.3.1 Requerida

A passagem de turno requerida pode ser entendida como aquela em que o falante explicitamente solicita que o seu interlocutor tome a vez de fala. Para Galembeck (1999), a passagem requerida “é assinalada por uma pergunta direta ou pela presença de marcadores que testam a atenção ou buscam a confirmação do ouvinte”. São exemplos de perguntas (produzidas através de marcadores conversacionais) que sinalizam a passagem de turno requerida: “né?”, “sabe?”, “entende?”.

Este tipo de passagem de turno é de suma importância para a entrevista sociolinguística, visto que praticamente todas as vezes em que o entrevistador fala, ele também requer que o falante tome o turno, respondendo suas perguntas ou contribuindo para o tópico sugerido. No entanto, o informante, por sua vez, também produz passagens de turno requeridas, que podem vir sinalizadas por meio de perguntas retóricas ou não.

| | |
|--|---|
| Passagem requerida pelo entrevistador. | E: Ele veio por esse motivo então? |
| Passagem requerida pelo entrevistado. | I: Ela veio acho que por necessidade mesmo... porque::: a família dela já necessitava muito mais na época e minha avó ela tinha muitos filhos então eles vieram pra cá tentando também uma vida melhora mas... mas mais pra tentar viver mesmo...porque em São Paulo era muito caro vive né? Acho que sempre foi né? |

4.3.2 Consentida

Por outro lado, a passagem de turno consentida está em um plano mais implícito da conversa, ela é configurada por uma entrega do turno sem a presença de uma pergunta ou algum sinalizador explícito. Galembeck (1999, p. 74) afirma que:

Essa modalidade de passagem de turno corresponde a uma entrega implícita: o ouvinte intervém e passa a deter o turno, sem que o concurso tenha sido diretamente solicitado. No caso da passagem consentida, o lugar relevante para a transição é assinalado pelo final de uma frase declarativa. (1999, p. 74)

Essa modalidade de passagem de turno muito tem a ver com um certo engajamento na conversação, uma vez que ambos precisam estar centrados na interação para perceber as sutilezas de uma passagem de turno implícita. Algumas pistas que podem indicar que a vez de fala está sendo consentida são as frases declarativas, pausas ou alongamentos, como no exemplo a seguir, em que o informante sinaliza o seu consentimento da passagem de turno para o entrevistador, que por sua vez faz uma pergunta, solicitando explicitamente que o turno seja passado para o informante novamente:

| | |
|---|---------------------------|
| Passagem de turno consentida pelo informante. | I: com::::: certe:::za::: |
| Passagem requerida pelo entrevistador | E: Como é que era antes? |

4.3.3 Assalto ao turno

Enquanto na passagem de turno requerida ou consentida há uma colaboração entre os interlocutores, o assalto ao turno, por sua vez, é caracterizado por uma passagem brusca. Para Galembeck (1999, p. 74): “o assalto ao turno é marcado pelo fato de o ouvinte intervir sem que a sua participação tenha sido direta ou indiretamente solicitada. Em outras palavras, o ouvinte "invade" o turno do falante fora de um lugar relevante de transição”.

Quando este assalto ao turno ocorre com uma deixa, o interlocutor que está no papel de ouvinte intervém bruscamente no meio de uma pausa ou hesitação do falante. No exemplo a seguir, o entrevistador se aproveita da pausa e antecipa a palavra, completando a ideia que seria expressa pelo entrevistado:

| | |
|---|--------------------------------------|
| Passagem de turno requerida pelo entrevistador. | E: é mais em relação às palavras né? |
| Assalto ao turno | I: é:: mais os... E: [termos |

O assalto ao turno pode ocorrer, também, sem qualquer deixa. Este, segundo Galembeck (1999, p. 75) “é aquele que não ocorre em face de sinais de hesitação e corresponde, pois, a uma entrada brusca e inesperada do "assaltante" no turno do outro interlocutor”. Podemos observar, através do trecho a seguir, um exemplo de assalto ao turno sem deixa:

| | |
|------------------|---|
| Assalto ao turno | I: Então... nesse ponto em relação a lazer Bertioga tem um pouco de déficit... porque... a cidade é pequena... e é turística... então muito da demanda desse tipo de:: de...empresa e quem trabalha com isso... só ocorre tipo em três quatro meses no ano...que é a temporada (...) sinto um pouco de déficit no restante do ano... fora essa parte que é... falam que é pra chama paulista ((risos)) fora isso E: [mais coisa turística então... |
|------------------|---|

CONCLUSÃO

As análises demonstram que é possível aplicar os conceitos de Galembeck (1999) em diferentes contextos de fala, e um deles é a situação da entrevista. Este é um exemplo de conversação prototípica que pode ser tida como modelo, pois os turnos são distribuídos de modo sistemático.

Com arrimo no que foi exposto no trabalho, evidentemente algumas passagens de turno são mais recorrentes que outras. Mediante o compilado de entrevistas coletadas, é perceptível que a requerida é bem recorrente, de modo

geral, nas entrevistas das diferentes cidades. A consentida caracteriza-se por estar implícita no diálogo de forma a tornar o seu reconhecimento mais dificultoso, porém, não deixa de aparecer nas interações estudadas.

O assalto ao turno diferencia-se das retro elencadas, em virtude de não decorrer de uma colaboração entre os interlocutores, como o próprio nome sugere, a passagem ocorre de maneira brusca. Esse último tipo é o que aparece com menor frequência nas entrevistas, em virtude de as perguntas e os assuntos serem pré-determinados e controlados pelo entrevistador, que almeja restringir sua fala ao máximo e, em contrapartida, estimular a fala do entrevistado. Porém, há certas ocasiões em que o entrevistado se sente desinibido o suficiente na conversa para trata-la como uma conversa habitual e direcionar perguntas ao entrevistador, como também, mudar o assunto pré-estabelecido para o diálogo.

REFERÊNCIAS

BRIZ, Antonio. **Turno y alternancia de turno de la conversación**. Revista Argentina de Lingüística, 2000.

GALEMBECK, Paulo. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1999.

GALEMBECK, Paulo de Tarso; COSTA, Nonalíssia Silva da. **Alternância e participação**: a distribuição de turnos na interação simétrica. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais. Maringá, 2009, p. 1937-1944.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986

MODESTO, Artarxerxes. **Análise da conversação digital**: fundamentos. Praia Grande: Edição do autor, 2016.

RIBEIRO, B. T. & P. M. GARCEZ (orgs.) **Sociolingüística Interacional**: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998

SILVA, Giselle. Coleta de Dados. In: Mollica, Maria; Braga, Maria (Orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2017.